

RELATÓRIO DE ATIVIDADES - PROJETO SURUI - 1981

Aproveitando a época da estiagem na região sudeste do estado do Pará, que possibilita o melhor acesso à área, realizei recentemente uma viagem aos Surui, acompanhada de minha filha Joana, com o objetivo de avaliar com o grupo as atividades desenvolvidas através do Projeto Surui até então, bem como programar a sua continuidade, tendo em vista a elaboração de um orçamento básico para 1982 (em anexo).

De acordo com o projeto inicial, o apoio à realização da safra de castanha-do-Pará relativa a 1981 redundou no êxito esperado - ver relatório de Tiure, executor direto do Projeto que, a partir do próximo ano será também seu coordenador. No entanto, o montante auferido com a comercialização autônoma daquela safra foi quase todo dispendido pelos Surui na reposição de seus pertences, em virtude de um grande incêndio acidental ocorrido em agosto p.p. que destruiu praticamente toda a aldeia, parte da produção de arroz de vários componentes do grupo, todas as cangalhas para os muares recentemente adquiridas, além dos objetos pessoais, como roupas, redes, panelas, etc.

Refeitos do grande susto - é a segunda vez que acontece semelhante desastre - os Surui estão agora reconstruindo suas casas (de palha de babaçu) e preparando-se para o plantio de novos roçados e pastagens. Concluiu-se então pela necessidade de aplicar o saldo ora disponível do Projeto tanto em atividades agrícolas - aquisição de sementes de feijão e de capim, de bolas de arame farpado para cercar pastagens - como, na medida do possível, nos preparativos iniciais para a coleta da safra de castanha de 1982 - basicamente aquisição de mercadorias para o trabalho de reconstrução de pontes e mata-burros, limpeza de ramais e abertura de estradas na mata, que levam às concentrações de castanheiras.

Os Surui se preocupam atualmente com a extensão e as possíveis conseqüências dos desmatamentos cada vez mais frequentes ao redor de seu território, feitos pelos "kamará" ("civilizados"), afugentando temporariamente para o seu interior grande quantidade de caça. Por sua vez, os índios são sabedores do fato de que, embora esta pareça abundante agora - e as caçadas bem sucedidas são porisso mesmo frequentes ultimamente - ela está fadada ao desaparecimento com o decorrer dos anos. A produção de castanha também tenderá a diminuir sensivelmente - o que já vem ocorrendo em toda a região - devido ao desaparecimento dos insetos vetores responsáveis pela polinização das castanheiras, afugentados igualmente pelos grandes desmatamentos.

Este quadro os estimula a plantar roçados maiores que os tradicionais, cultivados pelas famílias elementares. O incentivo dos diversos agentes regionais - servidores da FUNAI que lá trabalham ou mesmo seus vizinhos e "compadres" das redondezas - é no sentido de cultivarem uma roça "coletiva", ou seja, uma grande roça comum com a participação - no trabalho e nos resultados da produção - de todos os homens adultos da aldeia. Assim, já desde algum tempo (três ou quatro anos), além de mandioca, milho, fava e bananas, tradicionalmente cultivados, arroz e feijão, recentemente introduzidos na sua agricultura de subsistência são agora plantados em maiores extensões, com o aproveitamento de antigas "capoeiras", como são chamados os locais com mata baixa que já foram áreas de roçados.

Desta maneira, a ênfase do Projeto, tendo em vista o seu adequado prosseguimento no decorrer de 1982, -foi deslocada, pelos próprios Surui, para o apoio à produção de excedentes agrícolas comercializáveis. Neste sentido, foi apontada por Tiremé - que coordena atualmente entre o grupo as atividades voltadas para fins de comercialização - a necessidade de aquisição de duas máquinas simples, uma para descascar arroz e outra para debulhar milho, ambas operadas por um único motor elétrico, já que nas ins-

talações do Posto da FUNAI está disponível um grupo gerador, cuja manutenção ficaria a cargo dos próprios Surui.

O semi-beneficiamento da produção agrícola dos índios Surui virá a propiciar a obtenção de melhores preços para seus produtos no mercado local, sendo-lhes portanto possível, sem depender exclusivamente do montante obtido com a comercialização da castanha, abastecerem-se de mercadorias indispensáveis a sua sobrevivência no decorrer de todo o ano, além de financiarem também suas atividades relativas à própria coleta das safras de castanha.

Também foi apontada pelos Surui a necessidade de aquisição - desde já e estendendo-se para o próximo ano - de sementes de capim para reformar as pastagens destinadas aos muares e ao rebanho de gado bovino de que se servem, respectivamente, para transporte e obtenção de leite para consumo próprio.

Os Surui contam atualmente com uma população de 83 indivíduos, assistidos nas áreas de educação e saúde por servidores da FUNAI, que mantém no Posto Indígena Sororó um atendente de enfermagem e uma professora primária. A escola funciona desde meados de 1980 em dois períodos - matutino para os adultos e vespertino para as crianças - com um programa básico de alfabetização em língua portuguesa e aritmética. Por ocasião de minha estadia junto aos Surui, o cargo funcional de chefe do Posto estava vago e os índios aguardavam a nomeação de um novo servidor pela FUNAI. Fui informada pelo atual chefe da Ajudância de Marabá (um ex-servidor do P.I.Sororó) que está sendo providenciado pela FUNAI um veículo para aquele Posto - uma camioneta TOYOTA semi-nova. Desta forma, problemas ligados à locomoção de urgência (remoção de doentes, por exemplo), bem como ao escoamento da produção agrícola dos Surui estarão solucionados a contento da comunidade.

Acreditamos que, junto aos Surui, o Projeto esteja alcançando os objetivos propostos, no sentido de criar condições efetivas para um desenvolvimento daquela comunidade indígena

de forma harmoniosa e sem atropelos, de acordo com sugestões e alternativas apontadas por seus componentes. O êxito do trabalho até então realizado não se deixou abater por acontecimentos como o acidente ocorrido em agosto p.p. (o incêndio na aldeia) ou mesmo pela conturbada situação fundiária da região, onde os conflitos vêm-se acirrando (como, por exemplo, o episódio amplamente noticiado envolvendo posseiros, grandes proprietários, setores governamentais e da Igreja, no município de São Geraldo do Araguaia, distante apenas 40 km da aldeia Surui).

Por encontrarem-se na mesma área - a chamada micro-região de Marabá, a sudeste do Pará - e por estarem atravessando uma fase de profundas mudanças, aproveitei a oportunidade para realizar uma pequena viagem até a "Comunidade Indígena Parakateje" dos índios Gaviões Ocidentais, um grupo Jê-Timbira que em 1976 conquistou a sua autonomia em relação ao órgão tutelar estatal, ao gerirem a produção de sua safra de castanha. Encontrei-os já estabelecidos nas proximidades da nova aldeia - construída com o montante da indenização recebida da ELETRONORTE pela passagem de uma linha de transmissão de alta tensão no interior de seu território, que os obrigou a se transferirem da aldeia antiga. Devido ao fato de as casas (em alvenaria) não estarem prontas, os Gaviões construíram um grande acampamento - 40 casas de palha de babaçu - na parte posterior e externa ao grande círculo da nova aldeia, onde "civilizados" trabalham no acabamento das casas e na construção de instalações sanitárias. Acreditam os índios que só no próximo "verão", ou seja, em maio do ano que vem, eles mudarão definitivamente para a grande aldeia nova, reunindo todos os componentes de diversos grupos em que haviam se segmentado no passado.

Por ora, os Gaviões realizam uma grande festa - o WAKMÊRE, que marca o final da estação seca - que, para o jubileo de todos os membros daquela comunidade, sobretudo para os mais velhos, não se realizava há cerca de trinta anos, exatamente o tempo em que estão em contato com os kupê, os "civilizados".

zados". O significado da realização deste cerimonial agora prende-se a mais uma manifestação em grande escala da afirmação da identidade étnica do grupo, que sobreviveu e se fortaleceu enquanto tal, sobretudo a partir do momento em que seus componentes, liderados por Krohokrenhum, retomaram nas mãos o controle de esferas até recentemente sob o domínio do órgão tutelar - especificamente, a produção da safra de castanha. A reciclagem de um tempo tradicional acrescido por mudanças profundas passou a movê-los em direção ao futuro. Apesar de problemas financeiros enfrentados pela Comunidade atualmente, a realização deste grande cerimonial marca o desdobramento de um processo pelo qual eles, os Gaviões, sentem-se responsáveis - o de terem sobrevivido enquanto tais, em meio a uma região onde o desenvolvimento desenfreado não os poupou de suas desastrosas consequências.

Iara Ferraz

Iara Ferraz

outubro/81

PROJETO SURUI
ORÇAMENTO PARA 1982

1- máquinas agrícolas e insumos	
- debulhador de milho D'Andrea, tipo 2 S, com capacidade para 50-80 sacas 60kg/dia força necessária: 5 HP.....	120.000,00
- descascador de arroz D'Andrea, tipo 3, com capacidade para 150 sacas 60kg/dia força necessária: 5 HP.....	160.000,00
- motor elétrico trifásico, ARNO, 5 HP.....	70.000,00
- 20 (vinte) sacas 60kg de sementes de capim colônia - Cr\$ 2.000,00/unidade.....	40.000,00
- despesas com transporte das máquinas (de Be- lém à aldeia Surui).....	35.000,00
2- despesas de viagem - alimentação e transporte- do coordenador/assessor do Projeto.....	275.000,00
	<hr/>
	TOTAL Cr\$ 700.000,00

OBS: os cálculos foram efetuados em setembro de 1981, não tendo sido incluídos os honorários do coordenador.

IV - PROJETOS

- Krahô.....	700.000,00
- Kaxinawã.....	950.000,00
- Surui.....	500.000,00
- Kariri.....	1.460.000,00
- Mawês.....	1.650.000,00
- Assurini.....	<u>600.000,00</u>
Sub-Total.....	5.860.000,00
- Fundo para Projetos de Emergência..	<u>500.000,00</u>
Total.....	<u>6.360.000,00</u>

RESUMO DO ORÇAMENTO

I - PESSOAL.....	5.520.000,00
II - ADMINISTRAÇÃO.....	1.210.000,00
III - VIAGENS.....	750.000,00
IV - PROJETOS.....	<u>6.360.000,00</u>
TOTAL GERAL.....	<u>13.840.000,00</u> =====